

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
MEL BROOKS, DEIXA-NOS EM PAZ!  
6 e 16 de Fevereiro de 2026

# SPACEBALLS / 1987

*(A Mais Louca Odisseia no Espaço)*

um filme de Mel Brooks

**Realização:** Mel Brooks / **Argumento:** Mel Brooks, Thomas Meehan, Ronny Graham / **Direcção de Fotografia:** Nick McLean / **Direcção Artística:** Terence Marsh / **Montagem:** Conrad Buff / **Guarda-Roupa:** Donfeld / **Efeitos Especiais:** Peter Donen, Industrial Light and Magic / **Música:** John Morris / **Som:** Jeff Wexler, Don Coufal, Jim Steube / **interpretação:** Mel Brooks (Presidente Skroob e Yoghurt), John Candy (Barf), Rick Moranis (Dark Helmet) Bill Pullman (Lone Starr), Daphne Zuniga (Princesa Vespa), Dick Van Patten (King Roland), George Wyner (Coronel Sandurz), Michael Winslow (Técnico de Radar), Joan Rivers (voz de Dot Matrix), Dom DeLuise (voz de Pizza the Hutt).

**Produção:** Brooksfilms / Produtor: Mel Brooks / **Cópia:** DCP, colorida, com legendagem eletrónica em português, 96 minutos / **Estreia em Portugal:** Lisboa e Porto, a 31 de Outubro de 1987 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 11 de Fevereiro de 1994 ("Um Carnaval com Mel Brooks").

---

No seu périplo pelos géneros cinematográficos, Mel Brooks chegou em 1987 à ficção científica, 10 anos depois de George Lucas, com o seu **Star Wars**, ter realizado uma das matrizes recentes do género, e da qual **Spaceballs** pretende ser um "pastiche" ou um "spoof", como dizem os ingleses. Mais uma vez, o seu método consiste no aproveitamento dos "clichés" do género, exagerando-os e levando-os ao ridículo por forma a garantir um efeito cómico. Se realmente o consegue, é outra história, já que para além de uma mão incrivelmente "pesada" para transmitir cinematograficamente os "gags" que idealiza, Brooks tem ainda o "handicap" de, à partida, não ser o mais subtil dos humoristas, com as suas piadas de "chapa", muitas vezes óbvias e previsíveis. Para além disso, e centrando-se o seu cinema numa teia de citações e referências a géneros clássicos e filmes célebres, Brooks parece mesmo assim não ter muita confiança na inteligência dos seus espectadores, sublinhando várias vezes a traço grossíssimo as referências que faz e os "gags" que constrói. Em **Spaceballs** como noutros filmes isso é visível, e no caso deste filme há um bom exemplo, quando se parodia a série "Star Trek" a propósito de uma cena de "teleportação", e Brooks não consegue resistir a citar explicitamente a série, fazendo a sua personagem dizer que "pelo menos no Star Trek dava resultado".

**Spaceballs**, como já disse, toma como modelo **Star Wars** e o universo da trilogia a que esse filme deu início. Brooks deixa isso bem claro logo no primeiro plano, copiando o famoso plano de abertura do filme de Lucas, com a gigantesca nave espacial passando lentamente em frente da câmara antes de desaparecer pelo espaço adentro, se assim se pode dizer. Acontece aí o

primeiro efeito "cômico", com a legenda "tipo caminhão" que a nave tem colada à sua traseira. A partir daí, à medida que vão sendo apresentadas as personagens, vamos reconhecendo as caricaturas melhor ou pior esboçadas das principais personagens de **Star Wars**: Dark Helmet em vez de Darth Vader, Lone Starr numa mistura de Han Solo e Luke Skywalker, Barf em vez de Chewbacca, a Princesa Vespa em vez da Princesa Leia, Yoghurt em vez de Yoda, a robot Dot Matrix em vez do robot C3PO, etc. Basicamente, as peripécias vividas por estas personagens têm um correspondente directo no filme em que se modelam, baseando-se os efeitos cômicos na completa falta de sentido de todo este "universo paralelo" congeminado por Brooks. E se algumas das caricaturas conseguem arrancar alguns sorrisos (o Dark Helmet-Darth Vader composto por Rick Moranis, por exemplo) outras são completamente grosseiras, como o Barf-Chewbacca de John Candy. Ainda no campo das caricaturas, também não escapam as criaturas espaciais, com o inenarrável Pizza the Hutt e os pequenos seres "que fazem" de Ewoks, e que têm a particularidade de assobiar a mesma melodia que os soldados da Ponte do Rio Kwai...

Pode-se ainda dizer que este é o filme em que Mel Brooks descobre a auto-citação: a dado ponto, para encontrarem solução para uma situação difícil, os "maus da fita" decidem ver Spaceballs-The Movie e no armário das video-cassetes, além deste filme, vêem-se cassetes com o resto da obra de Mel Brooks. Esta sequência dá azo a outro momento divertido, quando Dark Helmet e os seus apaniguados, depois de fazerem o "fast-forward" no video-tape para encontrarem o ponto do filme em que estavam, encontram o ponto em que estavam *naquele preciso momento*, ou seja, vendo-se a eles próprios, no filme, vendo-se a eles próprios... ad infinitum. É um excelente exemplo de como por vezes Brooks fica muito perto de levar os seus filmes até ao delírio total e à completa subversão de todas as lógicas, sem que no entanto alguma vez passe do humor mais convencional.

O grande problema, em resumo, é a amálgama que Brooks faz de cada filme. Em cada um dos seus filmes, e este não é excepção, coexistem uma série de momentos razoavelmente conseguidos e inteligentes com outros do mais rasteiramente cabotino imaginável. Essa alternância de tom mais não faz do que acentuar o lado profundamente desarticulado dos seus filmes e a sua organização em sketches, largamente devedora da televisão, linguagem da qual Brooks parece nunca ter conseguido libertar-se desde que aí iniciou a sua carreira. Mas como é Carnaval, ninguém leva a mal...

Luís Miguel Oliveira